



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



**HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE:
RELAÇÃO ENTRE MULHERES NEGRAS E UNIVERSOS CULTURAIS
NA CIDADE DE FLORIANÓPOLIS (SC)**

Carol Lima de Carvalho ¹

Resumo: O presente trabalho tem como objetivo apresentar alguns apontamentos a respeito da relação entre a história das mulheres negras em Florianópolis, seus universos culturais e a História do Tempo Presente. As mulheres negras que destaco são as Professoras Neli, Altair, Uda e Valdeonira, também as minhas avós, Dona Ada e Dona Zenair, e minha bisavó, Dona Geninha. Na perspectiva de perceber o que há de passado nesse presente e os horizontes de expectativas, evidencio o que elas construíram e pensaram para educação, cultura e saúde focando na população negra, pois, assim, é possível observar a construção do conhecimento vinculado aos corpos negros e as formas de se colocar no mundo. Por meio de entrevistas e documentos foi possível identificar que elas transitaram em três principais universos culturais, um deles é a educação, outro são os espaços sociais e culturais e, por último, aqueles que as deixam em movimento, a ideia de movimentar-se para proporcionar grandes transformações na cidade de Florianópolis. Dentro desses universos existem estes corpos negros que são carregados de memórias diaspóricas, além de uma dinâmica de oralidades e letramentos. Este trabalho, portanto, apontará aspectos sobre os universos culturais que possibilitam identificar “estratos de tempo” por meio das “experiências” de mulheres negras e destacar seus “horizontes de expectativa” diante da atual conjuntura política, social e econômica brasileira.

Palavras-chave: Mulheres negras, universos culturais, oralidade, letramento.

INTRODUÇÃO

Os escritos que se seguem visam apresentar algumas considerações sobre o trabalho apresentado no IV Seminário Internacional de História do Tempo Presente (2021) intitulado “História do Tempo Presente: Relação entre mulheres negras e universos culturais na cidade de Florianópolis (SC)” de minha autoria. O trabalho foi apresentado no Simpósio Temático “Construir e narrar histórias indígenas, africanas e afrodiaspóricas” coordenado pelas Professoras Doutoras Claudia Mortari, Fernanda Oliveira e Luisa Tombini Wittmann de

¹ Doutoranda em História do Tempo Presente no Programa de Pós Graduação em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH/UDESC), carolimac18@gmail.com.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



maneira remota no dia 19 de março de 2021 via plataforma *Teams*. O trabalho é fruto da dissertação de mestrado intitulada “Trajetórias de mulheres negras em Florianópolis: transmitindo entre oralidades e letramentos” sob orientação da Profa. Dra. Maria Antonieta Antonacci na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP) defendida em 14 de março de 2019. A intenção aqui é apontar elementos sobre a pesquisa, no entanto, traçando relações voltadas a História do Tempo Presente.

Para iniciar, cabe ressaltar os caminhos percorridos até o momento, pensando na elaboração da dissertação, bem como a construção do trabalho apresentado neste evento. Nesse caso, a filósofa, professora universitária, escritora e ativista bell hooks (2017) nos contempla com percepções interessantes sobre o movimento de colocar-se no texto. A autora nos convida a refletir sobre as experiências vividas como maneira de construir jornadas teóricas, dentro desse contexto ela elucida ser “grata as muitas mulheres e homens que ousam criar teoria a partir do lugar da dor e da luta, que expõem corajosamente suas feridas para nos oferecer sua experiência como mestra e guia, como meio para mapear novas jornadas teóricas” (HOOKS, 2017, p. 103).

Neste sentido, estou presente na construção destes trabalhos, assim como as mulheres negras as quais me antecederam e aquelas que estão por vir. O propósito foi, e ainda é, dialogar com todas elas considerando as dinâmicas sociais, culturais e políticas proporcionando elementos de uma não dissociação da teoria e prática, evidenciando assim, “a formulação de uma teoria a partir da experiência vivida” (HOOKS, 2017, p. 103) dentro dos universos culturais negros da cidade de Florianópolis.

A minha trajetória é marcada por uma conjuntura familiar predominantemente negra e protagonizada por mulheres, cresci com minha bisavó, avó materna, ouvindo muitas histórias sobre suas vidas e sobre a capital catarinense, com elas aprendi a amar o samba, o carnaval, as praias, as praças e principalmente o ato de dançar. Elas riam alto, falavam alto também, gostavam de festas e de muita comida, me levaram em casas de Umbanda e às missas aos domingos na Igreja da Nossa Senhora da Lapa na Freguesia do Ribeirão da Ilha, elas também me ensinaram, dos seus modos, como é ser uma mulher negra em Santa Catarina.

E com esses aprendizados, ao crescer e frequentar bancos escolares, emergiram dentro de mim muitas dúvidas e anseios também, principalmente pelo motivo da ausência das mulheres negras nas aulas de História, em especial, nas conjunturas de Florianópolis e me



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



questionava quais caminhos para que esse cenário fosse alterado. Então, no início do Ensino Médio decidi cursar História no vestibular da Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC. Ainda não tinha definido que meus diálogos seriam com mulheres negras, mas entendia que não teria outro caminho a não ser lutar pela evidência das histórias, memórias e narrativas negras em todos os espaços.

Ao longo do curso entre 2013 e 2016 me vinculei ao Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros (NEAB), sendo bolsista de extensão e de pesquisa, vinculada a projetos que valorizavam as culturas africanas e afro-brasileiras em Santa Catarina, neste espaço conheci mulheres, negras e brancas, muito potentes, com elas foi possível traçar caminhos de combate ao racismo e uma luta por um mundo melhor, hoje as tenho comigo lutando para o fim das violências contra as mulheres. Nessa convivência também foi possível perceber que havia uma necessidade de dialogar com histórias de mulheres negras em Florianópolis, a partir daí me envolvi na organização da seção Santa Catarina da Marcha Nacional das Mulheres Negras em 2015 e também conheci a Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros (AMAB), grupo de mulheres que tenho um amor e carinho incondicional. Assim, penso que estive sempre fortalecida por outras mulheres para seguir nessa caminhada.

Em diálogo com a AMAB escrevi meu trabalho de conclusão de curso em História defendido no ano de 2016 intitulado “Negras em movimento: Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros – AMAB (1985-2015)” pensando no histórico da organização e também a importância de Antonieta de Barros em suas trajetórias de vida. Para ampliar os estudos, ingressei no curso de mestrado em História e na dissertação dialoguei com as fundadoras da AMAB e também com as histórias de minha bisavó e minhas avós materna e paterna, buscando identificar universos culturais de mulheres negras em Florianópolis e dentro deles as dinâmicas entre oralidades e letramentos. Nesse momento tive acesso aos estudos sobre diáspora africana, corpos negros e universos culturais.

Em 2020 ingressei no curso de Doutorado no Programa de Pós Graduação em História do Tempo Presente na UDESC com o projeto de pesquisa intitulado “Narrativas e Memórias de Mulheres Negras: As Escolas de Samba e o Carnaval em Florianópolis (1970-2019)” sob orientação da Profa. Dra. Claudia Mortari, a ideia é pesquisar a participação e protagonismo de mulheres negras no carnaval das escolas de samba de Florianópolis, a partir de suas memórias, considerando atravessamentos das dinâmicas sociais, culturais e políticas em suas



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
**HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE**
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



trajetórias de vida. No processo de ingresso no curso tive contato com concepções sobre História do Tempo Presente (HTP), dessa maneira, decidi relacionar as pesquisas que venho fazendo, principalmente a dissertação, com elementos dessa corrente historiográfica, então, eis que emerge o trabalho que apresentei no evento.

Dito isso, o trabalho apresentado teve como objetivo expor as ideias da dissertação que eram pensar história das mulheres negras catarinenses, identificar os universos culturais de sete mulheres negras na cidade de Florianópolis – entre anos de 1950 a 1980 – e, por meio de suas experiências, apreender as relações entre oralidades e letramentos, evidenciar o caráter afro-diaspórico da oralidade, sendo uma espécie de ‘valor identitário das culturas negras na diáspora’, destacar aproximações nas experiências de suas vidas, relatando as dificuldades, as evidências do racismo, da desestruturação social, histórias de resistência e de luta e também buscar relações com a História do Tempo Presente.

AS PROTAGONISTAS: DIÁLOGOS COM A HISTÓRIA DAS MULHERES NEGRAS EM FLORIANÓPOLIS

Neste momento é importante apresentar as protagonistas desse trabalho, as fundadoras da AMAB que são: A professora Neli Góes Ribeiro, nasceu na cidade de Florianópolis no ano de 1948, possui graduação e mestrado pela Universidade Federal de Santa Catarina- UFSC. Trabalhou na Universidade do Estado de Santa Catarina- UDESC, em que proporcionou mudanças significativas, como a construção de um Núcleo de estudos afro-brasileiros, como professora universitária reivindicou a visibilidade de sujeitos negros e negras na academia. A professora Altair Alves Lucio, nasceu na cidade de Tubarão no ano de 1944, é formada em Magistério e em Pedagogia. Possui especialização em Orientação Educação, Relações Raciais e Multiculturalismo, trabalhou como Professora em Tubarão e também na Prefeitura Municipal de Florianópolis.

A professora Valdeonira Silva dos Anjos nasceu em 1935, no Morro da Caixa d’água, na cidade de Florianópolis. Formada em magistério e fez o curso de História e o maior objetivo era eminentemente estudar sobre o negro, sempre quis fazer trabalho sobre o negro. Atualmente fazendo parte de grupo de mulheres e da velha guarda da escola de samba Dasçuia. A Professora Maria de Lourdes da Costa Gonzaga, mais conhecida como dona Uda,



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



nascida em 1938, também no Morro da Caixa d'água. Foi professora, normalista e catequista, atualmente faz parte do grupo de mulheres e da velha guarda de escola samba, Embaixada Copa Lord.

Os diálogos também aconteceram com as histórias de minha bisavó, Jesuína Adelaide dos Santos, mais conhecida como dona Geninha, nascida em 1920 no bairro Freguesia do Ribeirão da Ilha em Florianópolis, ela fundou e presidiu a Império do Samba, uma escola que aninou o carnaval da cidade durante 18 anos e construiu uma rede de apoio entre mulheres para produção e venda das rendas de bilro pelo estado de Santa Catarina, dona Geninha faleceu em 2005.

Minha avó materna, filha de dona Geninha, a Ada Jesuína Adelaide dos Santos, nascida em 1941 também na Freguesia do Ribeirão da Ilha em Florianópolis, trabalhou na Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) como agente administrativa, participou da Império do Samba e também ganhou prêmios de porta bandeira dos concursos dos bailes municipais da cidade, dona Ada faleceu em 2013. E por último, dialoguei com concepções sobre a vida da minha avó paterna, Zenair Maria de Carvalho nascida em 1935 no Estreito, em Florianópolis, filha de militar, estudou e frequentou os melhores colégios e lugares da cidade, foi professora normalista e alfabetizadora, conhecida pela sua generosidade, vaidade, bondade, inteligência, fé, diversão, amor pelo time de futebol e sua profissão, dona Zenair faleceu em 1998.

FONTES E REFERÊNCIAS: CONSTRUÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS DA PESQUISA

As fontes que utilizei na construção da dissertação, e pensando nos recortes pensados para esse trabalho, envolvem entrevistas, acervos particulares, acervo Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros – AMAB, acervo da Casa da Memória, acervo Instituto de Documentação e Investigação em Ciências Humanas - IDCH e acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina.

Ao pensar na denúncia de um cenário hegemônico na historiografia catarinense utilizei os escritos de Adichie (2009), Ribeiro (2017), Amaral e Rascke (2014). Para pensar as noções do conceito de Cultura utilizei Bhabha (1998) e Hall (2003), a partir dessas discussões



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



emergiu a necessidade de diálogo com concepções em torno das identidades e identificações, busquei evidenciar as ideias de Munanga (2009) e Sodré (1995).

Na medida em que realizei as entrevistas e também passei a identificar os universos culturais, os conceitos de oralidade, tradi o oral, história oral e letramentos emergiram, de tal modo que eu pudesse expor seus sentidos e significados dialoguei com Talga (2011), Hampaté B  (1982), Portelli (1996), Kleiman (1995) e Côrrea (2010), respectivamente. Busquei evidenciar as no es de decolonialidade de corpos e pedagogia decolonial relacionando com escritos de Glissant (2005), Antonacci (2009; 2013), Irobi (2012), Maria (1997), Mbembe (2018), Quijano (2005) e Walsh (2009).

As análises tinham como um dos caminhos pensar a interseccionalidade e a própria história de mulheres negras no Brasil, EUA e  frias, para isso, foquei nos estudos de Crenshaw (2002), Davis (1981), Ribeiro (2017), Akotirene (2019), relatos, exposi es, ensaios, entrevistas, discursos de Truth (1797), Reis (1859), Jesus (1960), Nascimento (1970), Gonzalez (1982), Davis (1980), Carneiro (2003), Evaristo (2008), Werneck (2009) e Collins (2015). Diante disso, convido você a conhecer os universos culturais de mulheres negras e as possibilidades de rela es com a corrente historiográfica História do Tempo Presente (HTP).

UNIVERSOS CULTURAIS DE MULHERES NEGRAS EM FLORIANÓPOLIS E ASPECTOS DA HISTÓRIA DO TEMPO PRESENTE: POSSÍVEIS RELA ES

Diante do que foi exposto até aqui, apresento os universos culturais identificados, o primeiro   a educa o, segundo   dos espaços culturais e sociais da cidade, e o último são aspectos do movimentar dessas mulheres nos contextos em que viviam. No primeiro universo   possível identificar os processos históricos como a higieniza o das saídas e as constitui es das periferias, da escravidão, racismo estrutural e a emergência de movimentos sociais. Elementos de como estas mulheres sustentavam suas famílias, constru o das Escolas de samba e da produ o de Fuxico como espaços de sociabilidades, concep es sobre o Magistério e Escola Normal, concep es sobre ancestralidade e luta antirracista.

No segundo evidencio os espaços fazem parte de suas vidas como os Carnavais, os blocos de rua, principalmente o Z  Pereira, a festa de Boi de Mamão e Festas do Divino Espírito Santo, os Bailes Municipais e Clubes Negros. As Praça XV de Novembro e Pracinha



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



da Freguesia, assim como as religiões, como a Umbanda, Candomblé, Católica e Espírita. Todos esses elementos garantem, da sua maneira e conjuntura, uma mobilidade social e performances.

O terceiro universo cultural destaca as aproximações e experiências de vida de todas elas, pontuando as dificuldades, as evidências do racismo e da desestruturação social. Existem muitas histórias de resistência e de luta, possibilitando serem vistas e pensadas como mulheres 'em movimento' nos seus principais espaços, pois estas mulheres estão na base de grandes mudanças, seja na saúde, na educação, na cultura. Elucida a luta antirracista nas suas vidas, em especial, aquelas que tem como a Professora e Deputada Antonieta de Barros e que resulta na construção da Associação de Mulheres Negras Antonieta de Barros–AMAB.

Dito isso, embora a dissertação já esteja concluída, para este evento me desafiei a relacionar alguns elementos da HTP pertinentes para a pesquisa. A partir das entrevistas observei relatos sobre acontecimentos, catástrofes, violências e traumas relacionadas as conjunturas histórias vivenciadas pelas protagonistas da pesquisa, a partir disso é possível pensar aspectos estão relacionados a HTP, a escravidão como catástrofe e assim o cerne do racismo estrutural, violências que perpassam as trajetórias de vidas evidenciadas na pesquisa. Além das concepções de História oral atrelada a Tradição oral, cabe ressaltar também as noções de tempo e temporalidades, a 'contemporaneidade do não contemporâneo', testemunhos vivos e as demandas sociais.

Dito isso, inicialmente evidencio os escritos de Achille Mbembe (2018), não é um autor dessa corrente historiográfica, mas nos possibilita pensar algumas questões. Mbembe tem como processo das obras o vínculo com catolicismo e anticolonialismo, sua avó que o impulsionou a fortalecer e buscar as memórias esquecidas e memória dos vencidos da história. Acreditava na existência de fabricação do esquecimento, pois não viabilizaram uma memória de resistência de Camarões na luta pela independência. Depois Achille mudou de perspectivas e resolveu pensar a memória, mas sob ângulo das experiências negras e segregação racial. Ele traz as noções de história, narrativa, colonialismo, memória.

O livro de sua autoria intitulado Crítica da razão negra (2014) são os debates vinculados ao conceito de raça, seja de maneira a subalternizar ou para construir identidades. Devir negro pelo mundo, categoria negro e sua institucionalização. Elucida o imaginário colonial e que resulta numa política de memória, relacionada ao fato de Europa construir uma



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



narrativa sobre as Áfricas, diante de uma superioridade e hierarquização das diferenças. Categoria social do negro no pensamento europeu. A partir disso, o autor pontua a invenção de raça, do negro, de África através da expansão no século XVI e o projeto de colonização iniciado com o tráfico negreiro e o corpo negro pautado numa lógica capitalista na escravidão. Além da desumanização, e assim uma memória pautada nesse processo colonial. Está no cerne do racismo, pois esta negação desenvolve um modelo legitimador das opressões e explorações.

Essas concepções estão articuladas ao período de escravidão no Brasil e o próprio processo de racismo como estrutura, Segundo Silvio Almeida este racismo é uma forma “sistemática de discriminação que tem a raça como fundamento, e que se manifesta por meio de práticas conscientes ou inconscientes que culminam em desvantagens ou privilégios para indivíduos, a depender do grupo racial ao qual pertençam” (ALMEIDA, 2019, p. 32). Para combater estas opressões emergem os movimentos sociais, movimentos de mulheres negras e movimento negro para lutar contra o racismo e garantir um bem viver da população negra.

A respeito da história oral a autora Marieta de Moraes Ferreira (2018) ao escrever sobre notas iniciais a respeito desta corrente historiográfica, aponta aspectos sobre o boom da história oral no Brasil, afirmando que num determinado momento “pesquisadores autônomos passaram a utilizar entrevistas de história oral em suas pesquisas de ciências sociais ou de história, explorando temáticas como classe trabalhadora, minorias e grupos discriminados como negros e mulheres” (FERREIRA, 2018, p. 90). Ao pensarmos na conjuntura desta pesquisa, a história oral faz parte da metodologia, no entanto, para ampliarmos e ao mesmo tempo estreitarmos a relação entre oralidades e ancestralidades, a tradição oral também é fundamental para identificar e analisar as narrativas encontrados durante a pesquisa. Assim, a tradição oral é compreendida a partir das concepções de Hampaté Bâ sobre a transmissão de culturas sob regimes de oralidade que o corpo está diretamente relacionado. “Tais culturas vinculam-se a aspectos da tradição oral, entendida como costumes, saberes e narrativas que passam de geração em geração por séculos” (HAMPATÉ BÂ, 1982, p. 167).

Através da história oral e tradição oral também é possível observar elementos da categoria de demandas sociais, uma vez que essas metodologias proporcionam a visibilidade de vozes até então silenciadas e que hoje buscam a presença de suas narrativas na escrita da história.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



Na perspectiva da História do Tempo Presente, as balizas temporais são móveis, uma vez que as catástrofes acontecem ao longo do tempo e são a partir delas que as reflexões vão se constituindo. Em relação a minha pesquisa, mais uma vez é pertinente utilizar ideias de Mbembe, ele pontua que a raça está na base das grandes catástrofes, com o autor podemos pensar em temporalidades outras, rupturas e permanências do passado no presente. Evidencia as experiências humanas pautadas no sofrimento, ele parte de uma linha do tempo que considera a escravidão, colonialismo e apartheid como catástrofes e traz uma outra possibilidade de balizas temporais móveis a partir do sofrimento desses acontecimentos históricos. Nesse viés em trazer outras possibilidades, ele discute o marxismo e também o pan-africanismo, evidenciando possíveis análises, torando visível as conexões pelo mundo em diferentes tempos. Os autores Elábio; Araújo; Schurster (2019) também destacam a necessidade de pensar as balizas temporais moveis, destacam que além das conjunturas das guerras, a HTP, considera as revoluções, eventos de repercussão política e social, impactos geopolíticos, um exemplo é o ano de 1950, autores compreendem este período como evidência do protagonismo popular, diante das revoluções Cubana e Boliviana.

Ainda sobre as noções de tempo e temporalidades, o autor Reinhart Kosselleck (2014) traz o conceito de ‘estratos do tempo’ que remete aos diferentes planos, origens e durações, mas que estão presentes e atuam simultaneamente. Remete também a formação geológica, tempos e profundidades diferentes que se transformam e se diferenciam uma das outras em velocidades distintas, um determinado tempo tem espessuras maiores ou menores, por isso são estratos. Nesse sentido, através deles é possível identificar diferentes velocidades, acelerações a atrasos na história, uma vez que a mesma estrutura pode acontecer em diferentes lugares e velocidades diferentes.

O autor também destaca o conceito de ‘contemporaneidade do não contemporâneo’, este está relacionado aos elementos das estruturas históricas que estão no presente, como por exemplo, os acontecimentos do Apartheid, Racismo, Ditadura, cabe destacar que são estruturas, as quais o autor intitulada como ‘estruturas de repetição’, pois os eventos não se repetem em sua singularidade, mas a sua estrutura sim, inclusive a partir das experiências, existem diferentes camadas temporais nas experiências humanas. Dessa maneira, as narrativas utilizadas nessa pesquisa têm atores vivos, testemunhas vivas e com isso uma história sob vigilância, este processo evidenciou também as experiências negras em diáspora, sendo as



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL HISTÓRIA DO TEMPO 2021 PRESENTE UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



questões que estão no tempo presente, identidades de pessoas individuais, mas também coletivas ancoradas em seus corpos negros. São indissociáveis da experiência no tempo, não são eurocêntricas.

Encerro essa parte do texto evidenciando também que a pesquisa esteve na perspectiva de tempo relacional, isto é, um tempo da natureza, não é linear e nem circular, é um tempo ancestral, significa que tudo está diretamente relacionado ao fato de aprenderem com aquelas e aqueles que nos antecederam. As discussões proporcionadas em sala sobre múltiplas formas de estar, ver e pensar o tempo, permitindo destacar justamente este tempo ancestral, sendo uma temporalidade mais centrada numa tradição em afro perspectiva, pensada na ancestralidade, compreendendo o lugar da morte e a narrativa do luto, assim como proporciona um repensar das temporalidades da história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda assim eu me levanto²

Você pode me riscar da História
Com mentiras lançadas ao ar.
Pode me jogar contra o chão de terra,
Mas ainda assim, como a poeira, eu vou me levantar.
[...]
Trazendo comigo o dom de meus antepassados,
Eu carrego o sonho e a esperança do homem escravizado.
E assim, eu me levanto
Eu me levanto
Eu me levanto
Maya Angelou (1978)

A citação acima refere-se ao poema de Maya Angelou do ano de 1978, essas palavras estiverem presentes comigo em todo percurso da pesquisa, a ideia era, e ainda é, sempre me levantar, mesmo que tentassem invisibilizar as histórias, memórias e narrativas de mulheres negras catarinenses, eu (re)existi e continuo aqui, resistindo. Os escritos desse trabalho têm a intenção de ser indicativos para estudos sobre mulheres negras na cidade de Florianópolis, considerando a importância da luta feminina e negra pela equidade, direito e cidadania. Suas e também minhas concepções perpassam a noção de “Nossos passos vem de longe”.

² Trecho retirado do PORTAL GELEDÉS (Brasil) (ed.). **Maya Angelou: .:ainda assim eu me levanto::**. “Ainda assim eu me levanto”. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/maya-angelou-ainda-assim-eu-me-levanto/>. Acesso em: 01 abr. 2021.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



No caminhar do trabalho percebi que minhas inspirações eram “traduzidas pelo símbolo *sankofa*. Um dos ideogramas do conjunto *adinkra* dos povos *Akan*, *sankofa* significa: “nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou para trás” (OLIVEIRA, 2016, p. 15). Desse modo, compreender naquelas que nos antecederam é se fortalecer e dar continuidade as dinâmicas de (re)existências. Além disso, nas pesquisas e produções de trabalhos a ideia é proporcionar uma mudança de postura epistemológica, isto é, ter posicionamentos e práticas decoloniais. Sendo assim, a perspectiva decolonial é um movimento que não se atribui conceitos coloniais, propõe outra relação com sujeitas da pesquisa, pois é preciso considerar o sentir/pensar no mundo a partir das populações africanas, afro-brasileiras e indígenas, é preciso romper com as colonialidades do saber, ser e do poder.

A partir das reflexões realizadas em torno da luta do movimento de mulheres em Florianópolis, foi possível o exercício de um rompimento com os modelos de produção de conhecimento eurocêntricos, em que situa ‘os outros’ - os sujeitos da diversidade – às margens das discussões. Por este motivo, o intuito foi viabilizar e visibilizar conjunturas que envolvem protagonismo negro e lutas sociais possibilitam trazer múltiplas identidades na cidade. Por fim, esse trabalho foi uma proposição de alteração do cenário hegemônico a respeito da história de Santa Catarina a partir do ensino de história, viabilizando a presença da população negra e cooperando assim, aspectos da Lei Federal 10.639/03 em todos os âmbitos escolares.

REFERÊNCIAS

ABIB, Sara Abreu da Mata; MACHADO, Pedro Rodolpho Jungers. CORPO, ANCESTRALIDADE E AFRICANIDADE: por uma educação libertadora no jogo da capoeira angola. **Revista Eletrônica de Culturas e Educação**, Brasil, v. 4, n. 2, p. 1-16, nov. 2011

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. O perigo de uma única história. 2009. Disponível em: <O perigo de uma única história>. Acesso em: 16 maio 2018

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Polen, 2019. 150 p.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?: Carla Akotirene.** Carla Akotirene. 2018. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/o-que-e-interseccionalidade>. Acesso em: 15 mar. 2019.

ALMEIDA, Silvio. **Racismo Estrutural.** Brasil: Pólen, 2019. 255 p.

ALVES, Cletison; LACERDA, Eugênio P.. Mapeamento do Patrimônio Cultural das

ANTONACCI, Antonieta Martines. **Memórias Ancoradas em Corpos Negros.** 2ª ed. ver. e ampl. São Paulo: EDUC, 2015.

ANTONACCI, M. A. M.. África/Brasil: Corpos, Tempos e Histórias Silenciadas. **Tempo e Argumento**, v. 1, p. 46-67, 2009.

ANTONACCI, M. A. M.. Teatros de memória em diáspora: por uma pedagogia performática. **Rebento: Revista das Artes do Espetáculo**, v. 6, p. 158-178, 2017.

BRIGNOL, Juliani Moreira. **Bordados do destino: saberes das mulheres afrodescendentes, na passagem do século XIX ao XX, na capital de Santa Catarina.** 2003. 174 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de História, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2003.

CARNEIRO, Sueli. Mulheres em movimento. **Revista Estudos Avançados**, v. 17, n. 49, set. 2003.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, Sexismo e desigualdade no Brasil.** São Paulo: Selo Negro, 2011. 190 p.

CRENSHAW, K. **Desmarquinalizando a Interseção entre Raça e Sexo: Uma Crítica Feminista Negra da Doutrina Antidiscriminação, Teoria Feminista e Política Antirracista.** Forum Juridical da Universidade de Chicago, 2002.

DAMASCENO, Daniela dos Santos Tradição Oral, Memória e Narrativa: Considerações sobre o Velho Kaitamba em os Estandartes, 2019, Salvador. **Anais XV Encult**, Salvador: Anais, 2019.

DAVIS, Angela. **Mulheres, Raça e Classe.** São Paulo: Boitempo, 2016. 244 p.

DUMAS, Alexandra Gouvea. Corpo em Cena: oralidade e etnocenologia. **Rev. Bras. Estud. Presença** [online]. 2012, vol.2, n.1, pp.148-162. ISSN 2237-2660

ELIBIO, Antônio; SCHURSTER, Karl; PINHEIRO, Rafael (Org.). **Tempo presente: uma História em debate.** Recife/Rio de Janeiro:EDUPE/Autografia, 2019.

GILROY, Paul. **O Atlântico Negro.** Rio de Janeiro: Centro de Estudos Afro-Brasileiros-Universidade Cândido Mendes/ Editora 34, 2001.

GLISSANT, Édouard. **Introdução a uma poética da diversidade.** Rio de Janeiro: UFRJ, 2005. 174 p.



IV SEMINÁRIO INTERNACIONAL
HISTÓRIA DO TEMPO
2021 PRESENTE
UDESC - FLORIANÓPOLIS - SC



HAMPATÉ BÂ, Hamadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (Org.) **História Geral da África I: metodologia e pré-história da África**. 2ª ed. rev. Brasília: UNESCO, 2010, p.167-212.

hooks, bell. A teoria como prática libertadora. In: **Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

IROBI, Esiaba. O que eles trouxeram consigo: Carnaval e Persistência da Performance Estética Africana na Diáspora. **Revista Projeto História**, São Paulo, v. 44, p.273-293, 2012.

JESUS, Carolina Maria de. **Quarto de despejo: diário de uma favelada**. São Paulo: Ática, 2016. 10 v.

KLEIMAN, Angela B. **Os significados do letramento**. Campinas-SP: Mercado Letras, 1995. 293 p.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC, 2014.

KYRILLOS, Gabriela M.. Uma Análise Crítica sobre os Antecedentes da Interseccionalidade. **Revista Estudos Feministas**, [S.L.], v. 28, n. 1, p. 1-11, jan. 2020.

MBEMBE, Achile. **A crítica da razão negra**. São Paulo: Antígona, 2018. 312 p.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, Eurocentrismo e América Latina. In: CLACSO. **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, 2005. p. 117-142.

RIBEIRO, Djamila. **O que é lugar de fala?** Belo Horizonte: Letramento, 2017. 111 p.

WALSH, Catherine. Interculturalidade Crítica e Pedagogia Decolonial: in-surgir, re-existir e re-viver. In: CANDAU, Vera (Org.). **Educação intercultural na América Latina: entre concepções, tensões e propostas**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009, p. 12-43.